

## DOCUMENTÁRIO

*Roger & Eu*, filme de Michael Moore, 1989, EUA.

## SINOPSE

O vídeo é um documentário sobre os planos da General Motors (GM) em fechar a sua fábrica na cidade natal de Michael Moore, Flint, Estado do Michigan, onde ali estava e permaneceu por décadas. A fábrica da GM, principal fonte de renda da comunidade, para economizar custos, desloca sua produção para uma outra fábrica no México, onde a mão de obra local é mais barata. Moore passa o filme tentando convidar o presidente da GM, uma das maiores corporações do mundo, para "beber uma cervejinha e discutir uns problemas".

A idéia central de Michael Moore, neste documentário, é mostrar a verdadeira face do capitalismo pós-moderno americano. A sua cidade natal, Flint, localizada no Estado de Michigan, EUA, sempre girou em torno do parque industrial da General Motors (GM), lá instalado por décadas. Por razões de competitividade (entre outras razões, enfatiza Moore), o presidente da empresa, Roger Smith, em meados da década de 80, decidiu fechar as unidades naquela cidade, transferindo-as para o México, onde a mão-de-obra era mais barata. Via de conseqüência, essa decisão gerou pobreza e desemprego na cidade, circunstância considerada irrelevante pela elite americana local.

De início, Michael Moore demonstra que a cidade onde nasceu, Flint, sobrevivia do pólo industrial da GM desde a década de 30. Toda a população, o comércio e outras pequenas empresas viviam em razão da GM. Ele também demonstrou a força do movimento sindical nos anos de 1936 e 1937.

Em meados da década de 80, o presidente da GM, Roger Smith, decidiu fechar as fábricas da empresa nos EUA, entre elas, o pólo industrial na cidade de Flint. Seriam demitidos 30.000 empregados. Embora fosse uma empresa lucrativa, mesmo assim a GM decidiu transferir suas fábricas para o México, onde a mão-de-obra era mais barata. Com o lucro, a GM poderia investir em negócios ainda mais lucrativos, como a indústria de armas e empresas de alta tecnologia.

Era o início do pensamento neoliberal instalado nos EUA por vontade do presidente Ronald Regan, que chegou a visitar a cidade de Flint e nada fez.

A partir dessa decisão da GM, Michael Moore exhibe as mazelas nefastas que atingiram a cidade de Flint. O desemprego foi a principal consequência, que, ato-contínuo, ocasionou pobreza e violência. A cidade vivia do seguro social mantido pelo governo federal e de pequenas iniciativas do poder público local para gerar novas fontes de renda, como a construção de um Hotel de Luxo, de um parque temático e de um espaço cultural, como chamariz ao turismo. De nada adiantou, e em seis meses o Hotel faliu, e o espaço cultural e parque temático fecharam por falta de visitantes.

Enquanto isso, os ricos se divertiam nos clubes de luxo, não se importando com o desespero dos pobres que eram despejados diariamente. Aliás, o que mais aflige no filme são as constantes cenas de despejo, não poupadas por Moore.

A elite local era insensível à bancarrota da cidade, chegando ao cúmulo de afirmar, em uma determinada cena, que os pobres não queriam trabalhar e que deveriam se mexer para encontrar outros empregos. Moore é irônico nesse momento.

Os então desempregados da GM se submetiam ao subemprego (e.g., fingirem como estátuas em festas) ou ao trabalho autônomo (a Amway teve uma participação importante neste contexto), como únicas formas de subsistência. Outros que antes exerciam cargos de gerência, passaram a trabalhar em lojas de *fast food*, considerados empregos de baixa qualificação.

A cidade de Flint foi considerada, por uma importante revista americana (Money), a pior cidade para se morar nos EUA. A violência era um dos principais elementos de descrédito daquela cidade.

Quando a GM decidiu fechar a última fábrica, na véspera de Natal, Moore evidencia a fragilidade do movimento sindical, que não angariou mais de quatro pessoas para realizar uma passeata de mobilização contrária ao encerramento definitivo das atividades daquela empresa. A insensibilidade dos dirigentes e acionistas da GM, naquela ocasião, também é flagrada pela filmadora de Moore.

Moore tenta de várias formas encontrar Roger Smith para levá-lo até a cidade de Flint e mostrar os efeitos da sua decisão. Quando o encontra, Roger Smith nega o pedido; ele “sente muito” pela situação dos despejados. “A culpa não é da GM, não foi a empresa que os despejou”...

---

Michael Moore é irônico e ácido no filme. Ele satiriza com elegância a indiferença da classe alta com o sofrimento dos pobres trabalhadores.

A GM justifica a decisão em fechar sua filial na cidade de Flint, despedindo cerca de 30.000 empregados, sob o argumento de que, para se manter em primeiro lugar no competitivo mundo automobilístico, seria necessário deslocar a produção para outros países, onde a mão-de-obra é mais barata. Era a busca do lucro máximo, a que custo fosse. Talvez esta tenha sido uma das primeiras iniciativas dos neoliberais.

E as mazelas de tal decisão são demonstradas exaustivamente por Moore. A pobreza e a violência, decorrente do desemprego, acarretaram a decadência de uma cidade que até então era próspera e segura para viver.

A nova filosofia capitalista (neoliberal) é indiferente ao próximo, à dignidade da pessoa humana. E por isso é impossível ficar indiferente às cenas de Moore que contrapõem famílias despejadas de suas casas e a elite local jogando golfe. E ainda, Roger Smith, o capitalista “selvagem”, que concedeu a si mesmo um bônus de US\$ 2 milhões no ano das demissões, enquanto milhares de desempregados não têm onde morar.

Por derradeiro, também foi destacado no filme algumas cenas de trabalhadores exercendo atividades em subempregos e em trabalhos por conta própria, resultante de falta de oportunidades, principalmente quando há ausência da atuação estatal e quando o movimento sindical está fragilizado, incapaz de zelar pelos seus trabalhadores.

A Inglaterra, de Margareth Thatcher (1979) e os EUA, de Ronald Reagan (1980), influenciados pelos estudos de Friedrich Hayek, na obra ‘O Caminho da Servidão’, escrita em 1944, foram os primeiros Estados capitalistas a adotarem o neoliberalismo. As idéias de Hayek implementaram uma nova ordem global que se exteriorizou no denominado “Consenso de Washington”, que consubstanciava três medidas básicas: 1) acabar com a inflação; 2) privatizar; 3) deixar o mercado regular a sociedade, através da redução do papel do Estado, sendo os seus principais protagonistas as grandes corporações internacionais, sobretudo as norte-americanas.

No Brasil, o primado do neoliberalismo chegou no ano de 1990, com a assunção de Fernando Collor de Mello na Presidência. No governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) as idéias neoliberais foram inegavelmente aplicadas, dando-se ênfase nas “privatizações” (desestatização de empresas públicas), em medidas para flexibilizar as

condições de trabalho, e na mudança da Constituição para adaptação do novo pensamento econômico.

Desde então, a sociedade pós-moderna convive com os novos paradigmas de produção resultantes do capitalismo, em uma nova faceta do liberalismo econômico, propugnado pela busca incansável pelo lucro mediante a precarização das relações de trabalho, dando ênfase à redução de custos, e, via de corolário, o primeiro passo é a despedida em massa de empregados.

Por isso, cada vez mais há a necessidade de uma reação pela sociedade, pelo menos para amenizar os efeitos nefastos da insensibilidade da economia de mercado. A solução, dentre outras, é assumir o solidarismo humano e dar pujança dos valores existenciais com espeque no princípio da dignidade da pessoa humana e na cláusula geral da tutela à pessoa humana.

Fabio Freitas Minardi  
Advogado Militante  
Mestrando em Direito Empresarial e Cidadania – UNICURITIBA  
Professor titular da graduação da FAMEC  
[f.minardi@terra.com.br](mailto:f.minardi@terra.com.br)